

Fenomenologia, educação física, desporto e motricidade: convergências necessárias

Wagner Wey Moreira – UFPA
Terezinha Petrucia Nóbrega – UFRN

RESUMO

O presente trabalho destina-se a realizar uma associação entre conceitos de corpo e corporeidade advindos da fenomenologia, especialmente advogados por Maurice Merleau-Ponty e as propostas de Desporto e de Motricidade Humana presentes em Portugal e no Brasil, visando refletir sobre as possibilidades da construção de uma teoria da corporeidade que possa ser compreendida e utilizada nas áreas do Desporto e da Educação Física, influenciando a produção de propostas pedagógicas que superem as tradicionais pedagogias do movimento até aqui produzidas as quais estão calcadas no movimento corporal ou na idéia de um corpo objeto.

Palavras-chave: Fenomenologia. Educação Física. Motricidade Humana. Desporto.

ABSTRACT

This work is intended to achieve an association between concepts of body arising from phenomenology, especially lawyers for Maurice Merleau-Ponty and the proposed Sports and Human Motion present in Portugal and Brazil, aiming to reflect on the possibilities of building a body of theory that can be understood and used in the areas of Sport and Physical Education, influencing the production of educational proposals that exceed the traditional pedagogy of the movement so far produced which are moving sidewalks in the body or the idea of a body object .

Keywords: Phenomenology. Physical Education. Human Motion. Sports.

INTRODUÇÃO

As primeiras inquietações que se poderia ter ao se tentar relacionar Fenomenologia, Educação Física, Desporto e Motricidade Humana, seriam conseqüências das seguintes perguntas: Por que esse

propósito? Para que a realização dessa tarefa? As reflexões aqui decorrentes servirão para os profissionais da Educação Física e do Desporto?

Responder essas indagações é o propósito do escrito, razão pela qual dividimos nossos argumentos em três momentos contínuos e dependentes, ou melhor, como uma peça teatral, em três atos que apresentarão o tema aos leitores ao longo da argumentação aqui colocada. No primeiro ato, preocupamo-nos com o corpo em movimento segundo os pressupostos ainda hegemônicos da máquina cartesiana; no segundo ato debruçamo-nos a compreender o corpo em movimento sob a ótica da Motricidade Humana e do Desporto; no terceiro e último ato vamos ao encontro da corporeidade em movimento como fundamento essencial para a formação profissional em Educação Física e Desporto.

Também é imperioso declarar aqui que optamos por trabalhar os argumentos sobre Motricidade Humana e Desporto de forma separada por eles partirem de grupos diferentes do pensamento luzitano. No entanto, quer o primeiro quanto o segundo estão atravessados pela concepção fenomenológica de homem e de mundo, calcados em um humanismo moderno.

PRIMEIRO ATO

CORPO EM MOVIMENTO E A MÁQUINA PERFEITA: O CORPO OBJETO

Ao definir o mundo como máquina, e tudo o que nele há, inclusive o corpo, Descartes apontou para como deveria ser a visão, em educação e em ciência, a nortear o trato corpóreo. Mais ainda, quando associou corpo e relógio, definiu os caminhos das ciências que deveriam cuidar desse corpo, como por exemplo, a Medicina e a própria Educação Física. Como Máquina, relógio não pensa e não sente, devendo apenas funcionar e ser consertado. Se algo vai mal, trocam-se as peças e a máquina volta a funcionar corretamente.

Peça por peça é o sentido de se entender o funcionamento de máquinas, que, ajustadas, imprimem seu funcionamento eficiente. Desta forma, o corpo máquina foi conhecido e trabalhado em seus detalhes, manipulado em suas partes, ajustado em seu funcionamento.

No entanto, ao buscar a perfeição do corpo por este caminho, chega-se exatamente ao pólo oposto, como nos alerta Novaes (2003, p. 10):

Se a perfeição é o esquecimento de certos fenômenos, o corpo contemporâneo é absolutamente imperfeito, uma vez que ele se tornou não apenas objeto de controvérsias, mas também campo de todas as experiências possíveis. O

corpo transformou-se em máquina ruidosa a ser reparada a cada movimento. Máquina defeituosa, 'rascunho' apenas, como descreve David Le Breton, sobre o qual a ciência trabalha para aperfeiçoá-lo.

Talvez isto ocorra, entre outros motivos, porque a ciência manipula as coisas recusando-se a habitá-las, como já nos informava Merleau-Ponty (1994). A não incorporação leva-nos a olhar o corpo de fora, como mais uma coisa a ser analisada, independente da paixão humana, constitutiva importante da corporeidade. Daí o aluno, o paciente, o esportista, o funcionário, o trabalhador, todos são coisas e como tal podem ser tratados desapaixonadamente.

Esse corpo máquina pode ser visto, ainda hoje, em várias situações propiciadas pela Educação Física e pelo Desporto: é o corpo que corre inúmeras voltas ao redor da quadra nas aulas dessa disciplina curricular sem saber para que; é o alongar-se em posições pré-estabelecidas e o exercitar-se num processo repetitivo de movimentos buscando-se até a exaustão; e o treinar e praticar esportes em posições cada vez mais especializadas na busca de um rendimento perfeito. E quando tudo isto ainda não for suficiente para se alcançar os resultados desejados, injeta-se no corpo máquina anabolizantes para o alcance dos resultados mais rápido.

Claro está que esta concepção de corpo não está apenas atrelada à Educação Física e ao Desporto. Assmann (1994) já se inquietava com esta questão indagando quantos corpos já tivemos ao longo da história humana. Diz mais o autor que as ideologias sempre conseguem inventar um corpo humano adequado para o cumprimento das ordens necessárias. Há o corpo jardim fechado, aquele que é sacralizado, o qual vive em função do desenvolvimento do espírito. Há o corpo ajustável ao que se necessita, dotado de plasticidade, de moldeabilidade, de elasticidade, corpo que já há algum tempo presta-se ao serviço e é força de trabalho, útil no cumprimento das funções regulares no mercado de trabalho, como os corpos professores, estivadores, executivos, operários, enfim, corpo relação mercantil.

Corpos dóceis, objeto do poder porque pode ser manipulado, modelado, treinado e alvo do poder porque pode se tornar hábil, economizando forças para o trabalho necessário. Não é por mero acaso que o protótipo do homem cartesiano pode ser enquadrado como homem-máquina, descrito anatomicamente em seus mínimos detalhes e controlado técnica e politicamente por um número interminável de regulamentos que padronizam a sua ação (FOUCAULT, 1977).

Só um corpo dócil pode sujeitar-se a uma vida e uma educação fragmentada. Tanto que o escrito de Foucault (1977, p. 127), referindo-se ao século XVII ainda hoje encaixa-se perfeitamente no trato dos corpos presentes:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar: e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.

Será que é por essa razão que a Educação Física e o Desporto, tradicionalmente trabalharam e ainda trabalham de forma hegemônica com aptidões e com capacidades físicas?

O corpo máquina, despojado de sensibilidade, cria a cultura de corpos indiferentes. Voltando à Educação Física, Moreira (1995) já alertava para a necessidade da transformação dos valores da Educação Física Escolar no sentido de mudar a rota dessa disciplina curricular, em que: o corpo objeto pudesse ceder lugar ao corpo sujeito; o ato mecânico no trabalho corporal cedesse lugar à consciência do movimento; a busca frenética de rendimento pudesse se transformar em prática prazerosa e lúdica; a participação elitista que reduz o número de envolvidos nas atividades esportivas da Educação Física cedesse lugar a uma participação com grande número de seres humanos festejando e se comunicando através do esporte; e, finalmente, que o ritmo padronizado e unísono da prática da atividade física cedesse lugar ao respeito ao ritmo próprio executado pelos participantes de jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças.

Já Le Breton (2003) nos lembra que os anatomistas, antes mesmo de Descartes e da filosofia mecanicista, fundam o dualismo que é central até hoje: de um lado o homem, de outro o seu corpo. Daí a razão da medicina tratar mais a doença do corpo que o homem em sua singularidade.

A Educação Física e o Desporto, nesta trilha, também destinaram seus esforços e suas pesquisas em conhecer melhor o corpo atleta que o ser humano que pratica esportes.

Hoje, a ideologia do todo genético, que fascina as mídias, difunde a nós o sentimento de um destino que se impõe ao indivíduo, quaisquer que sejam suas tentativas de se transformar, pois, espera-se a descoberta de um gene da depressão, do alcoolismo, da obesidade, do homossexualismo e assim por diante, para a redução das rejeições de que as pessoas são vítimas (LE BRETON, 2003).

Segundo o mesmo autor, será que estamos num momento em que

O corpo não é somente um acessório a ser retificado; percebido como um anacronismo indigno, um vestígio arqueológico ainda ligado ao homem, é levado a desaparecer para satisfazer àqueles que buscam a perfeição

tecnológica, Converte-se em membro supranumerário, em entrave a uma condição humano por fim digna desse nome (muitas vezes já chamada de pós-humanidade). A tarefa desses novos gnósticos é combater o corpo, dissociar o indivíduo de sua carne perecível, imaterializá-lo na forma de seu espírito, único componente digno de interesse (LE BRETON, 2003, p. 211-212).

Rouanet (2003), referindo-se ao pensamento do filósofo e médico La Mettrie, o qual viveu no século XVIII, lembra que há uma trilha que perdura já por muito tempo, que nos mostra que o homem é determinado pelo meio e que a mudança das relações sociais pode modificar as condições existenciais. Diz o autor que isto pode ser constatado tanto no pensamento liberal que imputa a produção do homem novo pela legislação e pela educação, quanto no pensamento marxista que afirma a possibilidade da produção desse novo homem pela revolução social. Há também um segundo caminho que afirma que o organismo determina o essencial da vida do homem e que a felicidade deve ser buscada no bom funcionamento do corpo e não na transformação social, idéia presente no darwinismo social e no uso dos biopoderes.

Diz mais o autor que após dois séculos de domínio, a primeira trilha parece estar cedendo lugar para a segunda, uma vez que “o homem novo continua sendo um ideal, mas agora ele deve ser fabricado no laboratório, em vez de ser um produto sócia” (ROUANET, 2003, p.40). Hoje, com a biotecnologia, o homem-genoma parece fadado a substituir o homem-máquina. O ser humano assemelha-se agora definitivamente a matéria, donde se pode constatar nas palavras do autor:

Destacamos entre os efeitos positivos desse movimento a valorização do corpo. Mas, de outro ponto de vista, o corpo foi profanado, já que deixou de ser visto como um sacrário que continha uma coisa infinitamente preciosa, a alma. Com isso, abriu-se o caminho para a banalização do corpo, sua instrumentalização, sua mercantilização. O novo paradigma herda essa atitude. É uma forma moderna de gnose, de depreciação do corpo. Ele não vale nada, ou vale, mas como valor de troca. Não tem valor, mas tem preço. É posto no mercado. Os órgãos podem ser vendidos, os processos que levam à modificação genética podem ser patenteados (ROUANET, 2003, p. 54).

Essas evidências, até aqui apresentadas, a respeito do corpo máquina, do corpo objeto, provavelmente fariam Merleau-Ponty se distanciar da área da Educação Física e do Desporto considerando

que ela transita em sua produção teoria e em suas propostas práticas por valores aqui arrolados. Não há dúvida que a Educação Física e o Desporto, ao logo do tempo, têm investido na produção de um corpo objeto.

Ao final deste primeiro ato, vem à mente a seguinte indagação: Será possível redirecionar a forma de perceber corpo? Como a Educação Física e o Desporto podem contribuir para o esforço de superação da idéia de corpo máquina, de corpo objeto, de corpo biônico?

SEGUNDO ATO

CORPO EM MOVIMENTO, A MOTRICIDADE E O DESPORTO: O CORPO SUJEITO

Nas décadas de setenta e oitenta do século passado surge no cenário do pensamento reflexivo em ciência, uma proposta epistemológica que remetia a então Educação Física como constituinte da proposta da ciência da Motricidade Humana, segundo seu proponente Manuel Sérgio (1987).

Defende o autor o anúncio dessa nova ciência porque na Motricidade Humana se constata a existência de um objeto de estudo claramente definido, de uma linguagem específica comum e uma comunidade científica que reconhece de forma institucional a existência de uma inconfundível matriz disciplinar autônoma, atributos essenciais para o aparecimento de uma área de conhecimento científico. Assim, a Ciência da Motricidade Humana estuda o homem em seu movimento intencional de transcendência ou de superação (SÉRGIO et al., 1999).

Em outra publicação, Sergio (1996) define a Ciência da Motricidade Humana, classificada dentro das Ciências do Homem, como uma área que se debruça na compreensão e na explicação das condutas motoras, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropossociológico.

Trovão do Rosário (1999, p.33) vai além afirmando que a Ciência da Motricidade Humana chegou agora ao areópago onde algumas das suas pares encontraram assento há muito tempo, justificando sua existência

[...] porque não existia nenhuma ciência vocacionada 'ab initio' para o estudo da originalidade da dinâmica existencial do corpo, da intencionalidade dos gestos corpóreos e dos caminhos complexos que, levando o Homem-Todo à transcendência, não devem ser percorridos, hoje, por quem recuse a cidadania

nia dos temas que, justamente por terem como protagonista o Homem-Todo, não podem ser amputados dos saberes centrados no corpo.

A Motricidade Humana, como toda ciência, tem a missão de gerar cultura e esta deve estar mais estruturada na sabedoria do que em conhecer muitas coisas. Aqui já podemos identificar um salto qualitativo em relação à concepção anterior de corpo e de Educação Física. O corpo agora não é sinônimo apenas de carne e de massa muscular. Por sua vez, a Educação Física não deve se preocupar apenas com o movimento corporal, mas sim, com o ser humano que se movimento. A diferença parece sutil, mas, é de grande significado existencial.

Interessante enveredar pelas teses da Motricidade Humana porque, diferentemente da máxima de Descartes que afirmava “Penso, logo existo”, lembramos que por sermos, por existirmos, é que nós pensamos, agimos, movimentamo-nos para superação de nossas carências, enfim, cometemos ações concretas no mundo todos os dias, produzindo cultura e história ao mesmo tempo em que somos modificados por essa cultura e história, num movimento dialógico.

A motricidade, partindo do corpo próprio, indica não haver significado que não se refira ao corpo, nem sentido que o corpo não realize ou manifeste. Ela, partindo do estritamente corpóreo, pode alargar-se até ao entendimento da percepção, sendo esta a consciência de uma articulação corpo-mundo. Estas duas frases já indicam a força do pensamento fenomenológico na consecução da teoria da Motricidade Humana.

Ainda Trovão do Rosário (1999) afirma que todas as formas, bem como os meios, de educação devem estar a serviço do ser humano em qualquer período de sua vida. Essas formas e estes meios, quando relacionados com o movimento corporal, dever ser estudados com rigor, com radicalidade, com elevado grau de exigência na sua área específica, ou seja, na Ciência da Motricidade Humana.

Se a fenomenologia é um humanismo, dotado de uma dialética não linear, mas polissêmica, polimorfa e simbólica que procura manter a estrutura do fenômeno humano sem reduzi-lo a nenhum de seus elementos, como afirma Rezende (1990, p. 93), podemos também associar o que dissemos até aqui para a Educação Física com o universo desportivo, este olhado sob a leitura de Bento (2004a).

Também é a partir da segunda metade do século XX que a Universidade do Porto, em especial nos trabalhos de Jorge Olímpio Bento, demarca uma nova leitura do fenômeno Desporto, encarado este como ciência ou como área de conhecimento científico, o qual englobaria a tradicional área da Educação Física.

Afirma Bento (2004a) que não devemos olhar o desporto apenas à luz de seu papel social, pois, neste caso, provavelmente o enquadraríamos como utilitário. O desporto deve ser olhado em sua função

de humanização porque sem ele o envolvimento cultural dos homens empobrece, perde a emoção, a paixão e torna-se descarnado.

Desde o século XX estamos a vivenciar uma recuperação do valor do corpo, pois, a sociedade do sucesso e da imagem traz consigo preocupações de ordem estética. Mais precisamente nas palavras de Bento (2004a, p. 64).

O corpo está, pois, a viver um regresso festivo ao centro das atenções e dos olhares e a exercer uma influência marcante em muitos quadrantes, nomeadamente na alteração dos motivos, cenários e modelos da uma nova cultura desportivo-motora. Por outras palavras, apesar da sociedade pós-moderna ou pós-industrial se caracterizar, entre outras coisas, por uma desmaterialização e 'afisicidade' indicadoras do predomínio da mente sobre o corpo, nós continuamos a ser muito devotos do corpo. E com inteira razão, porque foi ele que nos salvou ao longo de milênios da história humana. Continuamos a investir nele muitos dos esforços tendentes à melhoria da qualidade de vida e passam por ele muitas das tentativas de fazer da existência e do dia a dia um projeto de arte.

O exercício desportivo-corporal acha-se cada vez mais valorizado, integrado em políticas de saúde para todas as idades. O mesmo autor enfatiza que o desporto é palco onde o corpo representa possibilidades e limites, onde se possibilita o diálogo da nossa natureza interior e exterior, com a vida e com o mundo. "Quer se diga de crianças e jovens, de adultos e idosos, de carentes e deficientes, de rendimento ou recreação o desporto é em todos os casos instrumento de concretização de uma filosofia do corpo e da vida. Constitui uma esperança para a necessidade de viver" (BENTO, 2004a, p. 66).

O desporto pode contribuir para a felicidade humana considerando que na sua prática há a combinação perfeita de ética e estética, de técnica e tática, em que "impulsos e sensações, o orgânico e o espiritual, o irracional e o racional, o corpo, a intimidade e a pessoa se fundem, oferecendo-nos não apenas um pressentimento, mas até um índice substancial de concretude da felicidade" (BENTO, 2004a, p. 70).

É possível identificar, nesta significação do desporto, fenómeno esse existente entre nós desde o aparecimento da sociedade ocidental, as bases para uma epistemologia da então chamada área da Educação Física, sem a necessidade de traumas ou cortes epistemológicos. Da-se, dessa forma, a evolução do conceito e o estabelecimento cabal de uma área de conhecimento. Claro está que isto deverá

revolucionar os conceitos da área da Educação Física, mesmo porque é ainda voz corrente entendê-la como mais abrangente que o esporte, este é claro, também compreendido apenas como prática de uma modalidade esportiva.

O conceito de Desporto, compreendido na visão da Universidade do Porto, estabelece o objeto de estudo de uma área, bem como a formação de profissionais pesquisadores desse fenômeno, estando no centro das preocupações o corpo-sujeito, o ser humano em sua dimensão ontológica.

Bento e a Universidade do Porto, no que diz respeito ao fenômeno Desporto, parecem encaminhar-nos para um alerta de Merleau-Ponty (1994, p. 19): “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo [...]”.

TERCEIRO ATO POR UMA TEORIA DA CORPOREIDADE

As reflexões sobre os termos corporeidade e movimento ganharam uma dimensão mais significativa com os trabalhos de Maurice Merleau-Ponty, em especial quando o autor associa consciência, corpo, mundo e vivência.

São afirmações de Merleau-Ponty (1994, p. 142): “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” e “[...] todo movimento é indissolivelmente movimento e consciência de movimento” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 159).

Moreira et al. (2006) afirmam que o conceito de corporeidade implica em vida, em existência, em momento em que o ser pensa o mundo, o outro e a si mesmo na tentativa de conceber essas relações, na tentativa de reaprender a ver a vida e o mundo. Corporeidade, que é vida, busca ver os seres que se mostram, pois estes estão escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim. Corporeidade busca, em sua existencialidade, olhar os objetos, sabendo que isto demanda habitá-los e assim aprender ou incorporar as coisas nas mais diversas perspectivas.

Parece que estamos num momento de possibilidades outras para o entendimento de um corpo em movimento, no qual podemos compreender essa dinâmica não mais partindo exclusivamente do movimento, mas sim, do ser humano que se movimenta. Produzir conhecimento neste novo enfoque poderá propiciar a criação de uma teoria da corporeidade, a qual redefiniria o trato com o corpo, em especial em áreas como o Desporto, a Educação e a Educação Física.

Nóbrega (1999, p.192) afirma:

Uma teoria da corporeidade pode contribuir para o redimensionamento da Educação, no sentido de proporcionar uma nova compreensão do ser humano, em sua realidade existencial corpórea, incluindo a linguagem sensível, a capacidade de percepção e a emergência do movimento.

Uma teoria da corporeidade, provavelmente, iria enveredar-se no sentido de uma revisão da ética, entendida esta como uma ação de ideais vinculados aos objetivos de vier mais e melhor, os quais estão presentes na condição humana.

Mais uma vez nos apropriando de Bento (2004b, p. 182), identificamos que o autor estabelece três virtudes que deverão constar dessa reposição ética: conviver com nossos semelhantes à luz da generosidade; prudência para superar obstáculos que não podemos abolir e coragem para viver frente à certeza da morte.

Uma teoria da corporeidade pode significar o estabelecimento da arte da mediação entre o sensível e o inteligível, a partir do corpo em movimento em sua existencialidade na busca de superações. Estaria aqui uma possibilidade para a reformulação de conceitos hegemônicos presentes nas áreas do Desporto e da Educação Física? Poderia essa teoria redefinir a produção de conhecimento dessas áreas no que diz respeito aos valores éticos e estéticos?

Sempre é importante lembrar que o corpo é o nosso primeiro e mais fundamental mistério. Existencialmente somos chamados, todos os dias, às alegrias ou às enfermidades da corporeidade, e, por mais que tentemos, não somos capazes de identificar quais são as forças que geram e sustentam as energias básicas da manutenção da vida (MOREIRA et al., 2006).

Bento (2006, p.157) lembra:

A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas a eficácia, transporta e leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister. A arte, a qualidade, o ritmo, a harmonia e a perfeição implicam tecnicidade. Sem técnica não há estética de coisa alguma. E a ética fica deficitária e manca. Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos. Nem no corpo, nem na alma.

Uma teoria da corporeidade poderia nos levar ao entendimento revisto, por exemplo, do que seja a técnica, sempre muito criticada, em particular, por pensadores pouco afetos ao desporto. Se por um lado a técnica pode ser utilizada com o objetivo de controlar gestos e corpos, por outro, pode ser a propiciadora da criatividade e da inovação. A técnica, uma vez instalada como segunda natureza no corpo, pode permitir o estado criativo.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. **Paradigmas educacionais e corporeidade**. Piracicaba: Unimep, 1994.

BENTO, J. O. **Desporto**: discurso e substância. Porto: Campos das Letras, 2004.

BENTO, J. O. Do século do idoso: verdade ou ficção? O papel do desporto. In: BENTO, J.; LEBRE, E. (Org.). **Professor de educação física**: ofícios da profissão. Porto: FCDEF, 2004.

BENTO, J. O. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas: Papyrus, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: histórias das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papyrus, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, W. W. Perspectivas da educação motora na escola. In: DE MARCO, A (Org.). **Pensando a educação motora**. Campinas: Papyrus, 1995.

MOREIRA, W. W. et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas: Papyrus, 2006.

NÓBREGA, T. P. **Para uma teoria da corporeidade**: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 1999.

NOVAES, A. A ciência no corpo. In: NOVAES, A. (Org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

ROUANET, S. P. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, A. (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SERGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições FMH, 1996.

_____. **Para uma epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Compendium, 1987.

SERGIO, M. et al. **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

TROVÃO DO ROSÁRIO, A. A motricidade humana e a educação. In: SERGIO, M. et al. **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.